

## **A DOR DA BELEZA: A VULNERABILIDADE DE CONSUMIDORAS TRANS NO CONSUMO DE HORMÔNIOS NÃO PRESCRITOS E DE SILICONE INDUSTRIAL NÃO CIRÚRGICO**

### **Autoria**

Vívian Silva Lima Marangoni - vivislima@hotmail.com

Prog de Pós-Grad em Admin/Faculdade de Economia, Admin e Contab – PPGA/FEA / USP - Universidade de São Paulo

Prog de Pós-Grad em Admin/Faculdade de Economia, Admin e Contab – PPGA/FEA / USP - Universidade de São Paulo

Sofia Batista Ferraz - sofiasbf@gmail.com

Programa de Mestrado Profissional em Administração - MPA - FGV/EAESP / FGV/EAESP - Fundação Getulio Vargas -

Escola de Administração de Empresas de São Paulo

Curso de Administração / ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo - Associação Escola Superior de Propaganda e Marketing

Lealis Vaz Meleiro Lopes - lealisvaz@gmail.com

Prog de Pós-Grad em Admin/Faculdade de Economia, Admin e Contab – PPGA/FEA / USP - Universidade de São Paulo

Andres Rodriguez Veloso - veloso@usp.br

Prog de Pós-Grad em Admin/Faculdade de Economia, Admin e Contab – PPGA/FEA / USP - Universidade de São Paulo

### **Resumo**

O objetivo deste estudo qualitativo é analisar a vulnerabilidade de consumidoras trans e travestis e seus reflexos no consumo de hormônios não prescritos e de silicone industrial. Participaram da pesquisa 18 mulheres trans, 6 travestis e 1 pessoa transfeminina não-binária, perfazendo um total de 25 participantes. Como estratégia de coleta de dados foi utilizada entrevista em profundidade. Após a identificação de sentidos emergidos nas falas, a Teoria da Vulnerabilidade do/a Consumidor/a se mostrou como a mais promissora para discutir as dimensões encontradas. Os resultados apontam para prevalência de superdosagens de hormônios sem prescrição e de silicone industrial por participantes que trabalham/trabalharam com sexo, em função da necessidade de uma rápida transformação corporal. Entre os fatores antecedentes para a vulnerabilidade, as forças macro mostraram-se preponderantes. Nesse grupo, emergiram o preconceito institucional, invisibilidade no mercado, desregulamentação e ausência do Estado. Entre as respostas à vulnerabilidade das consumidoras, surgiram respostas ativas positivas, como a busca por acompanhamento profissional para retomada de hormonização e para retirada cirúrgica do silicone industrial; e como respostas ativas negativas, a automutilação e a busca recorrente de serviços clandestinos. Como resposta macro, o ativismo foi referenciado como caminho de resistência e luta entre as entrevistadas.